

A ocorrência das formas de tratamento *tú* e *usted* na comunidade valenciana: relevo discursivo em foco

The occurrence of the forms of address *tú* and *usted* in valencian community:
discursive relief in focus

Valdecy de Oliveira Pontes¹
José Victor Melo de Lima²

Resumo: Esta pesquisa pretende analisar a ocorrência das formas *tú* e *usted* no espanhol oral de Valência, via planos discursivos. Ao considerar a língua como um sistema adaptativo, orientada funcionalmente para atender às necessidades comunicativas dos falantes em contextos específicos, este estudo apoiou-se nos pressupostos teóricos do Funcionalismo Linguístico, mais especificamente o de vertente norte-americana (Givón, 1995; 2001; Hopper, 1979; Hopper; Thompson, 1980). Procedeu-se uma análise dos dados, os quais foram obtidos a partir de 6 entrevistas do tipo semiestruturada provenientes do *corpus Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia* (PRESEVAL). As ocorrências analisadas foram codificadas e quantificadas para fins de frequência de uso. No que tange aos resultados, percebeu-se que a forma menos marcada *tú* foi preponderante em contexto também menos marcado, isto é, *figura*. Analogamente, esse pronome foi também favorecido no plano discursivo *fundo 01*, tendo em vista tratar-se de um contexto menos marcado que o *fundo 2*. Surpreendentemente, a forma *usted*, ainda que com baixo registro, não foi favorecida no plano discursivo *fundo 2*, contexto que exige maior processamento cognitivo e em que as informações não fluem com tanta fluidez como no *fundo 1*. A associação dessas formas com os planos discursivos revela padrões distintos, destacando como elas influenciam a organização do discurso e se adaptam a diferentes contextos comunicativos. Essas observações corroboram a importância do princípio de marcação funcionalista na compreensão do uso dessas formas de tratamento.

Palavras-chave: Formas de tratamento. Relevo discursivo. Espanhol de Valência.

Abstract: This research aims to analyze the occurrence of the forms *tú* and *usted* in oral Valencian Spanish, via discourse plans. Considering language as an adaptive system, functionally oriented to meet the communicative needs of speakers in specific contexts, this study was based on the theoretical assumptions of Linguistic Functionalism, more specifically that of the North American strand (Givón, 1995 And 2001; Hopper, 1979; Hopper; Thompson, 1980). We analyzed the data, which was obtained from 6 semi-structured interviews from the *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia* (PRESEVAL) corpus. The occurrences analyzed were coded and quantified for the purposes of frequency of use. The results showed that the less marked form *tú* was predominant in a context that was also less marked, i.e. *figura*. Similarly, this pronoun was also favored in discourse level background 01, since this is a less marked context than background 2. Surprisingly, the form *usted*, although with a low register, was not favored in discourse level background 2, a context which requires more cognitive processing and in which information does not flow as smoothly as in background 1. The association of these forms with discourse plans reveals distinct patterns, highlighting how they influence the organization of discourse and adapt to different communicative contexts. These observations corroborate the importance of the functionalist marking principle in understanding the use of these forms of address.

Keywords: Forms of address. Discursive relief. Valencian Spanish.

¹ Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, CE, Brasil. Endereço eletrônico: valdecy.pontes@ufc.br.

² Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, CE, Brasil. Endereço eletrônico: victor.lima@hotmail.es.

Introdução

O trabalho de Pontes e Silva (2023) investigou a utilização das formas de tratamento *tú*, *vos* e *usted* no espanhol argentino e uruguaio em oito peças teatrais. A pesquisa identificou que as formas mais informais (*tú* e *vos*) foram predominantes em contextos de menor complexidade cognitiva (figura e fundo 01), enquanto a forma mais complexa e usada em contextos de mais formalidade (*usted*) apareceu em contextos mais complexos (figura 2). Surpreendentemente, em certos contextos, o uso de *usted* pode ser informal e solidário, levantando questões sobre sua padronização em contextos formais no espanhol uruguaio. As peças teatrais argentinas confirmaram essas observações, usando *tú* e *vos* no plano figura e *usted* no plano fundo 02, conforme a marcação givoniana.

Esclarecemos que a confiabilidade dos textos literários para pesquisas linguísticas é confirmada por alguns autores, mas é crucial analisar cuidadosamente os dados em Pontes e Silva (2023). Isso se deve ao fato de que as formas de tratamento nas obras literárias não refletem interações reais da língua. É essencial considerar os contextos sócio-históricos em que os textos foram produzidos ao compor esse tipo de *corpus*.

Considerando esta questão, associando-nos à ideia de que o uso da língua influencia sua organização, propomos uma análise dos pronomes *tú* e *usted*, na comunidade de fala valenciana, via relevo discursivo.

Assim, o nosso foco recai nos planos discursivos, especificamente *figura*, *fundo 1* e *fundo 2*, a partir de seis entrevistas sociolinguísticas. Com este trabalho, esperamos ampliar o debate no que tange à compreensão de como as formas de tratamento se apresentam na organização discursiva e contribuem para eficácia da comunicação.

Princípio da marcação

O *princípio da marcação* é um princípio fundamental para o funcionalismo norte-americano. A concepção de marcação tem suas origens na Escola de Praga, onde os termos “marcado” e “não marcado” ganham destaque para referir-se ao contraste entre dois termos de uma mesma categoria linguística, independentemente do nível linguístico. Givón (2001) explica que esse conceito surge como um refinamento da noção de valor saussuriano em oposições binárias, tendo em vista a observação dos linguistas praguenses sobre assimetrias entre dois elementos opostos na fonologia e na gramática.

Desse modo, no Funcionalismo, o elemento marcado é determinado por uma característica que é ausente no elemento não marcado. Segundo Cunha (2017, p. 170), dentre outras definições, as formas não marcadas são caracterizadas por: “a) maior frequência de ocorrência nas línguas em geral e em uma língua particular; b) contexto de ocorrência mais amplo; c) forma mais simples ou menor; d) aquisição mais precoce pelas crianças”.

Na relação entre dois elementos que se opõem, Givón (1995) estabelece três critérios a partir dos quais podemos determinar a forma marcada e a não marcada. São eles:

- (a) **complexidade estrutural:** a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não marcada correspondente.
- (b) **distribuição de frequência:** a categoria marcada (figura) tende a ser menos frequente, portanto, cognitivamente mais saliente, do que a categoria não marcada correspondente (fundo).
- (c) **complexidade cognitiva:** a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa — em termos de esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento — do que a estrutura não marcada. (Givón, 1995, p. 28, tradução nossa)³

Com base no exemplo oferecido por Cunha (2017), é possível observar as formas da língua que aparecem no singular e, de acordo com esse aspecto indicativo de número, classificá-las como formas não marcadas. Isso se justifica pelo fato de utilizarmos com muito mais frequências as palavras no singular do que no plural, além de que os contextos em que aparecem são mais amplos, já que também ocorrem no contexto do plural. Por exemplo, quando alguém afirma que precisa “comprar maçã” para fazer uma sobremesa para família, compreende-se que ele comprará mais de uma unidade da fruta. Quanto à extensão fônica, formas no singular são mais simples devido, claro, à ausência da desinência de plural.

De acordo com Givón (1995), é necessário analisar os critérios de forma independente e levar em consideração o contexto em que as formas ocorrem, pois disso depende a marcação. Por exemplo, uma mesma forma pode ser marcada em um contexto e não marcada em outro. Desse modo, é importante considerar aspectos comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos durante a análise. O autor também explica que esse fenômeno não se aplica apenas às categorias linguísticas, mas também a outros fenômenos, como o discurso acadêmico formal, que é mais marcado do que uma conversa do dia a dia, que é menos marcada (Givón, 1995).

Uma consideração importante a respeito dos critérios de marcação é a complexidade cognitiva envolvida. Conforme Givón (1995), a abordagem desse método é uma tarefa complicada e, portanto, deve ser analisado de forma indireta. No entanto, com base nas reflexões do autor sobre a saliência perceptual e cognitiva, formas mais salientes podem exigir maior tempo de processamento do que as menos salientes. Givón (1995) também assevera

³ (a) **Structural complexity:** The marked structure tends to be more complex (or larger) than the corresponding unmarked one.

(b) **Frequency distribution:** The marked category (figure) tends to be less frequent, thus cognitively more salient, than the corresponding unmarked category (ground).

(c) **Cognitive complexity:** The marked category tends to be cognitively more complex — in terms of mental effort, attention demands or processing time — than the unmarked one

que categorias estruturalmente mais marcadas tendem a ser substancialmente mais marcadas. Dessa forma, os critérios de complexidade estrutural e complexidade cognitiva podem ser correlacionados.

Com o objetivo de estabelecer o equilíbrio cognitivo contextual, a marcação pode atuar, ainda, de acordo com o princípio de expressividade retórica, proposto por Dubois e Votre (1994). Conforme os autores, um procedimento discursivo marcado tende a reduzir ou eliminar o esforço de codificação. Segundo Dubois e Votre (1994, p. 12): “É preciso repensar o princípio de marcação, também, no que concerne à complexidade cognitiva, no sentido de que não é qualquer aumento de cadeia que vai implicar naturalmente um aumento das tarefas de decodificação.” Portanto, formas marcadas podem tender a ocorrer em contextos menos marcados, e formas menos marcadas podem estar presentes em contextos mais marcados. Nesse sentido, teríamos o equilíbrio cognitivo contextual.

Givón (1990) divide a marcação de categorias gramaticais em quatro tópicos: a) tipos de discurso – a mesma categoria gramatical pode ter diferentes valores de marcação quando colocada em contextos discursivos diferentes; b) tipos de oração – as orações principais, declarativas, afirmativas e ativas têm o status de não-marcadas, enquanto que as subordinadas, manipulativas, negativas e passivas ganham o status de marcadas; no discurso oral/informal, há o predomínio das orações coordenadas, que são cognitivamente mais fáceis de processar do que as orações subordinadas; c) Modalidades nominais: 1. papel temático – hierarquia temática=> papel semântico: agente > dativo/benefactivo > paciente > locativo > instrumento > outros, papel gramatical: sujeito > objeto direto > objeto indireto, agente, dativo/benefactivo e paciente são os mais prováveis para ocupar as posições de sujeito e objeto, portanto, o sujeito/agente e o objeto/paciente são os não-marcados; 2. referencialidade e individuação – nomes referenciais e individuais são o caso não-marcado; 3. definitude – o sujeito, o objeto direto e o dativo/benefactivo tendem a ser a categoria definida, logo, não-marcada; 4. status anafórico – a anáfora zero é a menos marcada; 5. topicalidade – a marcação dos referentes tópicos e dos não-tópicos depende da continuidade, ou seja, o referente tópico/contínuo (codificado como zero ou pronome anafórico) é o não-marcado e o referente não-tópico/descontínuo é o marcado; d) Modalidades verbais (realis x irrealis (mais marcada); perfectiva x imperfectiva (mais marcada) – Givón (1995, p. 55).

Sendo assim, um número considerável de estudos evidencia que o princípio de marcação se mostra atuante na escolha e no uso das formas linguísticas. O aspecto marcado/não marcado favorece um direcionamento para determinadas formas em detrimento de outras que têm a mesma função, tornando a aplicação desse princípio bastante produtiva, não apenas em pesquisas de base funcionalista, mas também sociolinguística (cf. Lima; Coan; Pontes 2019; Pontes; Silva, 2023).

A forma *tú* tende a ser menos marcada que a forma *usted* em diferentes comunidades de fala hispânicas, devido a sua maior frequência e menor complexidade estrutural e cognitiva. No entanto, como veremos a seguir, há casos em que um elemento marcado pode ser mais frequente, como o que ocorre em Mérida, na Venezuela, onde a forma *usted* é mais frequente e, portanto, menos marcada que *tú* quanto à frequência (Cf. Álvarez Muro; Carrera de la Red, 2006). Desse modo, recorreremos ao princípio de marcação em busca de motivações dessa natureza relacionadas ao uso das formas de tratamento no espanhol oral de Valência.

Por fim, tendo em vista o pressuposto givoniano de relação icônica entre a informação linguística e o modo como ela é representada no plano do conteúdo, objetivamos testar o subprincípio de marcação, correlacionando-o com as ocorrências dos pronomes *tú/usted*. No entanto, de acordo com Dubois e Votre (2012), formas marcadas (como *usted*, por exemplo) podem ocorrer em contextos não marcados para estabelecer o equilíbrio cognitivo contextual. Portanto, a utilização do princípio de expressividade retórica pode ser fundamental para entendermos determinados contextos de uso dessas formas de tratamento.

Planos discursivos

Essas categorias estão relacionadas à estrutura da narrativa e, juntas, compõem o denominado plano discursivo. Como observado no subprincípio de ordenação linear, conforme Givón (1995), tendemos a organizar o nosso discurso de modo a dar primazia às informações que consideramos mais importantes, em detrimento daquelas que concebemos como secundárias. Esse modo de organização textual, baseado em nossos propósitos comunicativos e nas necessidades de nossos interlocutores, é chamado de plano discursivo (Hopper; Thompson, 1980).

A gramática tradicional define transitividade como a relação que um verbo mantém com outros termos da oração. Um verbo transitivo direto possui um objeto direto como complemento, enquanto um verbo transitivo indireto tem um objeto indireto como complemento. Por outro lado, um verbo é considerado intransitivo quando não requer complemento. Hopper e Thompson (1980) tratam a transitividade como um modo de organização textual, conferindo-lhe uma função discursivo-comunicativa. Ela também apresenta uma propriedade escalar que reflete a maneira como o falante organiza o texto para alcançar os seus objetivos na comunicação. Desse modo, uma oração com alto grau de transitividade codifica informações consideradas essenciais, enquanto uma baixa transitividade codifica informações consideradas acessórias.

Para Hopper (1979), o *foreground*, ou figura, consiste nas informações mais importantes que formam a estrutura base da narrativa, sendo o seu esqueleto. Por outro lado, o *background*, ou fundo, refere-se ao conteúdo que não narra os eventos principais, mas sim

serve de apoio à figura. Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 31, grifos dos autores) definem essas categorias da seguinte forma:

Por *figura* entende-se aquela porção do texto narrativo que apresenta a sequência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativos, factuais, sob a responsabilidade de um agente, que constitui a comunicação central. Já *fundo* corresponde à descrição de ações e eventos simultâneos à cadeia da figura, além da descrição de estados, da localização dos participantes da narrativa e dos comentários avaliativos.

Outra contribuição significativa para o estudo de figura e fundo é o trabalho de Elisabeth Silveira. Segundo Silveira (1997), o plano discursivo não é bidimensional. A autora defende que há diferentes níveis de fundo na estrutura da narrativa, com diferentes níveis de complexidade. A autora propõe, portanto, uma hierarquia na qual as unidades de análise, ou cláusulas, são marcadas considerando o seu grau de relevância discursiva. Nos termos de Silveira (1997, p. 27), a relevância “é uma propriedade discursiva que se caracteriza pelo estabelecimento de planos distintos na estruturação do discurso, no qual um dos planos será salientado em relação aos demais”. Dessa forma, no topo encontra-se a figura, que o nível mais relevante, enquanto o fundo possui uma escala de relevância, conforme reproduzimos a seguir (Chedier, 2007, p. 40):

- Categoria I: é a figura prototípica;
- Categoria II: cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura. Apresentam ou resumem o que vai ser relatado; apresentam o cenário e os participantes; e apresentam a fala dos personagens;
- Categoria III: cláusulas-fundo que especificam o modo, ou a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais);
- Categoria IV: cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas);
- Categorias V: cláusulas-fundo que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas);
- Categorias VI: cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor. Apresentam opiniões, dúvidas, conclusões.

Partindo do trabalho de Silveira (1997), Chedier (2007) realiza um refinamento da hierarquia retrocitada e propõe um novo agrupamento das cinco categorias em três níveis. No nível mais alto, a autora continua a identificá-lo como figura. Em seguida, ela denomina de “fundo 1” a união dos níveis II e III, devido a sua proximidade com a categoria figura. Por último, ela chama de “fundo 2” o conjunto formado pelos níveis IV, V e VI, por estarem mais distante do nível mais alto, ou seja, a figura. Por fim, a classificação proposta é a que segue:

Figura: apresenta sequência cronológica, eventos reais, dinâmicos e completos, sujeitos previsíveis (tópicos), humanos e agentivos; quanto à codificação morfossintática, a figura contém orações coordenadas, principais ou absolutas, e formas verbais perfectivas.

Fundo 1: apresenta cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura; apresentam ou resumem o que vai ser relatado; apresentam o cenário e os participantes; e apresentam a fala dos personagens. Também pode-se encontrar cláusulas-fundo que especificam o modo, ou a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais).

Fundo 2: contém cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas), que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas); pode conter também cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor, apresentam opiniões, dúvidas, conclusões. (Chedier, 2007, p. 49-50, destaque da autora)

No discurso, segundo Givón (1984), alguns elementos da descrição são considerados a essência, o esqueleto, a linha principal do episódio/descrição/comunicação, constituindo a figura do discurso. Por outro lado, há elementos que são satélites, ficam na margem, são os apoios do episódio/descrição/comunicação, sendo, portanto, o fundo do discurso. Assim, em uma situação de interação, há informações que ficam na centralidade do discurso (figura) e outras, na periferia (fundo). Dessa forma, é a partir da percepção das necessidades do ouvinte que os usuários da língua constroem as sentenças (Pezatti, 2004). Segundo Givón (1990), a figura corresponde à essência da história sendo mais frequente, enquanto o fundo corresponde às lacunas e digressões.

Para a análise dos dados das sequências narrativas presente nas entrevistas, adotamos a perspectiva de Chedier (2007), pois pareceu-nos uma descrição mais objetiva, sem, contudo, prescindir dos aspectos arrolados no modelo anterior no qual a autora baseou-se. Desse modo, com base no pressuposto givoniano de marcação e levando em consideração que a forma *tú* é menos marcada por ser mais frequente, estruturalmente mais simples e cognitivamente menos complexa, acreditamos que ela emerge em contextos cognitivamente menos complexos como figura e fundo 1. Esses contextos são menos marcados que o fundo 2, já que as informações fluem mais facilmente, em termos de tempo e processamento cognitivo.

Amostra e universo da pesquisa

A amostra foi composta através de inquéritos que constitui o *corpus Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia* – PRESEVAL. Esse projeto integra outro grande projeto internacional chamado PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del*

Español de España y de América). Este, por sua vez, tem como objetivo a criação de um *corpus* sociolinguístico sincrônico da língua espanhola e, portanto, utiliza amostras de várias comunidades de fala monolíngues e bilíngues. Essa grande rede de pesquisa é composta por, aproximadamente, mais de 40 equipes que têm auxiliado o trabalho de inúmeros pesquisadores e viabilizado a produção de vários livros, dissertações e teses⁴.

O *corpus* PRESEVAL teve sua origem em 1996 e, assim como as equipes oriundas da Universidade de Alcalá e do Colégio do México, foi um dos primeiros grupos a integrar o PRESEEA. Sob a coordenação do Prof. Dr. José Ramón Gómez Molina, a equipe é formada por estudantes de pós-graduação e por professores dos Departamentos de Filologia Espanhola e Didática da Língua e Literatura da Universidade de Valência e do Departamento de Língua Espanhola e Linguística Geral da Universidade Nacional de Educação a Distância (UNED).

O principal objetivo do PRESEVAL é identificar as marcas características do espanhol falado em Valência, variedade dialetal utilizada pelos falantes autóctones ou que residem há muito tempo⁵ nessa cidade e que têm consciência de que pertencem a essa comunidade de fala. O trabalho desenvolvido atende, ainda, a diversos objetivos específicos, dentre os quais se destacam: a) fenômenos de variação nos diferentes níveis linguísticos (/d/ intervocálico, perífrases verbais aspectuais e modais, marcas de impessoalidade etc.); b) marcas de sociolinguística interacional (fórmulas de tratamento); c) aspectos da linguística textual e análises da conversação (atenuação-intensificação, marcadores discursivos etc.); d) fenômenos próprios do contato linguístico em comunidades bilíngues (transferência e mudança de código) (Buzón García, 2013).

O *corpus* PRESEVAL foi desenhado em 1996, como adiantado, e finalizado em 2006. Para a sua coleta, seguiram-se os requisitos arrolados no documento que norteia a metodologia do PRESEEA e que se encontra disponível na página *Web* desse macroprojeto, disponibilizada em notas anteriores. A amostra constitui-se de 74 informantes estratificados de acordo com as seguintes variáveis: i) *sexo*, agrupados em homens e mulheres; ii) *faixa etária 1* (de 20 a 34 anos), *faixa etária 2* (de 35 a 54 anos) e *faixa etária 3* (acima de 55 anos)⁶; iii) *escolaridade*, dividida em três níveis, a saber, *nível baixo*, *nível médio* e *nível alto*⁷. Para os níveis de escolaridade médio e superior, considerou-se como pertencente a esses grupos o informante que tinha cursado, respectivamente, até 12 anos de escolaridade,

⁴ Para mais informações sobre o PRESEEA, recomendamos a página *web* do projeto no seguinte endereço eletrônico: <https://preseea.linguas.net/>. Acesso em: 11 maio 2023.

⁵ Para os não nativos, o requisito era ter chegado a essa área geográfica antes dos 10 anos de idade e residir no mínimo 15 anos desde que sua origem linguística não fosse marcadamente diferente (Gómez Molina, 2001).

⁶ Optamos pelo termo *faixa etária* em detrimento de *geração*, o qual seria uma tradução literal do termo *generación* utilizado pelo *corpus* PRESEEA.

⁷ Traduzimos os termos *grado de escolaridade*: *enseñanza primaria*, *secundaria* e *superior* por, respectivamente, *escolaridade*: *Ensino Fundamental*, *Ensino Médio* e *Ensino Superior*.

aproximadamente, e 15 anos ou mais de escolaridade. Inclui-se, ainda, uma quarta variável, a saber, iv) *língua habitual*, dividida em castelhano-falantes e bilíngues.

Isso posto, cabe destacar as motivações por trás da escolha desse *corpus* para esta pesquisa:

- Em primeiro lugar, trata-se de uma amostra bastante representativa que reflete a variedade dialetal característica de uma comunidade de fala do espanhol peninsular. Conforme justificamos, trabalhos na área do tratamento ainda são escassos no âmbito dessas variedades (Calderón Campos; Medina Morales, 2010).
- Em segundo lugar, ainda em conformidade com os autores supracitados, quase todos os trabalhos sobre as formas de tratamento no espanhol peninsular utilizam *corpus* escrito e aplicação de questionários como método de coleta. O PRESEVAL trata-se de um *corpus* de língua falada que tem a entrevista semidirigida como a técnica de obtenção de dados.
- Em terceiro lugar, diferentemente de outros *corpora* do espanhol peninsular que compõem o PRESEEA, o processo de compilação do PRESEVAL encontra-se finalizado e publicado em três volumes de acordo com o nível sociocultural dos informantes (escolaridade alta, média e baixa). Dessa forma, a totalidade do *corpus* é de fácil acesso aos pesquisadores.
- Em quarto e último lugar, a estrutura esquemática da entrevista elaborada pelo PRESEVAL está dividida em uma série de sequências textuais bem definidas, dentre as quais se encontra a sequência narrativa. Cada esquema temático foi cuidadosamente pensando para estabelecer correspondência, de forma global, com um conjunto de sequências discursiva predominantemente associadas a um tipo de texto. Acreditamos que esse aspecto torna mais viável a correlação do plano discursivo e dos usos linguísticos que os valencianos venham a fazer das formas de tratamento na sequência narrativa.

Descrição e análise dos dados

Recuperando o entendimento sobre o plano discursivo ou relevo discursivo, este está relacionado à análise da transitividade de uma sentença, a qual é determinada na maneira como o emissor estrutura o seu discurso. Assim, para alcançar os seus objetivos comunicativos a partir da percepção das necessidades do seu interlocutor, o emissor organiza o discurso de modo a distinguir o que é central e o que é periférico em seu texto. Essa distinção corresponde aos planos de *figura* e *fundo*, os quais são determinados pelo grau alto ou baixo de transitividade da oração. Portanto, para Hopper e Thompson (1980), esta se associa a uma função discursivo-comunicativa.

De acordo com Neves (2018, p. 42), o plano figura, ou primeiro plano (*foreground*), constitui-se “das partes que contribuem para expressar melhor os propósitos do falante (a narrativa dos eventos)”. Por outro lado, o plano fundo, ou segundo plano (*background*), constitui-se “das partes que apenas ampliam, comentam ou embasam a narrativa básica, sem fazê-la progredir.”. Para esta análise, consideramos o delineamento elaborado por Chedier (2007), organizado em *figura*, *fundo 1* e *fundo 2*, cujas descrições podem ser revisitadas em nossa seção metodológica. Considerando o papel da frequência e a complexidade cognitiva por parte do falante, temos a figura como mais frequente na narrativa, pois corresponde aos fatos principais da narrativa, já o fundo 1 opera no meio e o fundo 2 é o menos frequente na narrativa, portanto, mais complexo em termos de processamento, por parte do usuário da língua, nos termos do princípio da marcação de Givón (1995).

A princípio, embora não tenhamos focado no aspecto quantitativo das ocorrências, que poderiam nos fornecer dados mais robustos relativos aos usos de *tú* e *usted*, é imperioso ressaltar que, a partir da amostra analisada, nossas ponderações iniciais acerca do comportamento dessas formas em face dos planos discursivos considerados foram confirmadas. Efetivamente, como esperávamos, a forma *tú* prevaleceu nos planos *figura* e *fundo 1*, os quais são considerados contextos menos marcados, logo, favorecedores de formas menos marcadas. No entanto, apesar da escassez significativa de dados para *usted*, a ocorrência dessas formas também foi observada nos supracitados planos, bem como no plano de *fundo 2*. Vejamos alguns exemplos que ajudarão a elucidar essas observações:

- (1) no sé/ teníamos los columpios/ de parvularios/ cuando llegaba la hora de recoger// ee todo el mundo cogía el juguete/ los dejaba en cajas/ y yo empezaba a pasear una caja/ para que todo el mundo metiera los juguetes dentro y luego se lo daba a la monja y decía/ ¡uy! cuánto has recogido **TÚ SOLA!** y yo **SÍ SÍ** (risas)// y mis padres por detrás decían *esta tía es una vaga* (ENTREVISTA 24 – VAL02411MB06)

No excerto em questão, ao narrar as lembranças da infância e da escola, a informante relata alguns tipos de jogos e brincadeiras que realizava naquele período. A forma de tratamento *tú* surge na porção do texto narrativo que apresenta uma sequência cronológica de eventos reais e dinâmicos. De acordo com os conceitos apresentados, essa parte do texto se aproxima mais do plano *figura*, tendo em vista que se configura como a comunicação central. Analogamente, mais adiante na entrevista, relata uma sequência de eventos que envolvem uma interação com o seu namorado sobre o uso da língua valenciana. Vejamos:

- (2) mi novio el otro día me decía *es que no me Ø hablas en valenciano/ y digo yo te hablo en valenciano// dice pero es que la demás gente no me habla en valenciano/ y digo*

pues háblales tú en valenciano/ dice ¡ay! no es que me da vergüenza/ digo pues igual que a ti te da vergüenza a los demás igual también les da vergüenza// to(d)o es intentarlo// y ya se me quedó así más calla(d)o (ENTREVISTA 24 – VAL02411MB06)

A informante introduz a narrativa apresentando o contexto e o seu interlocutor e, em seguida, a informação principal que desencadeia o desenvolvimento da interação, isto é, o fato de ela supostamente não falar em valenciano com o namorado. Na sequência, seguindo a cronologia de eventos, a informante esclarece para o seu interlocutor que, sim, fala em valenciano com ele. Desse modo, as formas em destaque fazem parte de cláusulas que podem ser consideradas parte do plano central da narrativa, isto é, *figura*. São eventos reais, dinâmicos e completos, com sujeitos identificáveis (“*mi novio*” e “*yo*”) e agentivos. As demais cláusulas nos parecem se aproximar mais do plano de *figura 1*, pois apresentam situações que contribuem para o desenvolvimento da interação. Prossigamos com a análise de outro trecho:

(3) *empecé trabajando// porquee yo tengo una sobrina// bueno/ mi marido tiene una sobrina que trabaja en una oficina/ y me comentó tía/ ¿quieres venir a limpiar?/ y yo dije sí// pero fijate/ iba DOS HORAS/ CADA QUINCE DÍAS/ que ¡vamos!/ eso se lo ofrecen a alguien/ y se ríe// pero yo dije vale/ que ¿tengo para el pan?/ pues bueno/ para el pan// entonces empecé a ir// la empresa/ fue subiendo// y entonces/ en vez de ir cada quince días/ yo iba todas las semanas// (ENTREVISTA 11 - VAL01112MC02)*

No fragmento (3), a informante relata que começou a trabalhar porque sua sobrinha, que trabalhava em uma empresa, ofereceu-lhe a oportunidade de realizar serviços de limpeza. O foco principal é, portanto, o início da experiência de trabalho da entrevistada. Nesse sentido, a forma verbal de segunda pessoa do singular “*quieres*” parece estar mais centrada no plano *figura*, uma vez que liga diretamente à ação de limpar realizada pela falante.

O exemplo a seguir refere-se a um fragmento já abordado em outro nível. No entanto, revisitamo-lo a fim de realizarmos uma análise mais centrada nos elementos do plano discursivo e como as formas de tratamento emergem nessa organização discursiva. Examinemos:

(4) *porque viene un día un- otra/ preguntando por la dentadura de su madre// digo (risas)/ ¿la dentadura de su mamá? en la mesita/ y dice es que yo cuando vengo los miércoles y los viernes a verla/ tiene que llevarla puesta digo ¡ay! ¿y eso por qué?/ dice es que si nos está muy fea/ digo pues mire yo si le voy a dar de comer se me puede ahogar/ como **usted** comprenderá// pues cuando yo venga que la tenga puesta/ digo ¡mire! en*

la mesita está// coja usted y póngasela// porque dentro de cinco minutos yo se la voy a quitar/// así que cuando usted quiera/Ø puede venir a la hora que Ø quiera/ le cuesta poco ponérsela/ ¡ah yo no!/ ¡pues yo tampoco! (risas) (ENTREVISTA 14 – VAL01413MC03)

O fragmento acima aborda a necessidade de uma pessoa usar a dentadura ao ser visitada pela interlocutora da informante. O esqueleto da narrativa, isto é, o aspecto ou a ação central se desenvolve em torno da instrução dada pela informante para que a sua interlocutora, uma vez queixosa por sua mãe não usar dentadura quando a visita, pegue a referida prótese e a coloque em sua genitora. Desse modo, a dinâmica da interação gira em torno dessa ação, colocando-a como o ponto focal desse relato.

Inicialmente, em “*porque viene un día un- otra/ preguntando por la dentadura de su madre*” a informante estabelece o cenário e segue apresentando o padrão de comportamento da sua interlocutora e a razão pela qual sua mãe deve usar a dentadura “*es que si nos está muy fea*”. Essas passagens se aproximam mais do plano *fundo*, pois dão suporte para a ação principal. Em seguida, a expressão “*como usted comprenderá*” reforça a justificativa para a preocupação evidenciada em “*pues mire yo si le voy a dar de comer se me puede ahogar*”. Assim, ela contribui para contextualizar a razão de um possível engasgamento. Embora se relacione com a preocupação com a dentadura, não constitui a ação central do relato. Portanto, caracteriza-se mais como plano de fundo na estrutura geral do discurso. Ao não estar tão distante do ponto focal da narrativa, ou seja, está mais próxima da ação central de colocar a dentadura, encontra-se, assim, mais próxima do plano *fundo 1*, conforme a categorização de Chedier (2007).

A narrativa segue em direção ao que é central, a ação principal relacionada à dentadura. Em “*coja usted y póngasela*”, as formas de tratamento em destaque emergem no plano *figura*, visto que essa expressão constitui a estrutura básica a partir do qual o discurso progride. Na parte final do relato, as formas pronominais surgem em contextos do plano *fundo 1* e *fundo 2*. As expressões “*cuando usted quiera*” e “*a la hora que quiera*” contêm cláusulas temporais associadas ao *fundo 1*, enfatizando a temporalidade e flexibilidade de tempo para ação de visitar a genitora a fim de realizar a ação principal mencionada anteriormente. Por outro lado, a expressão “*le cuesta poco ponérsela*” sugere um contexto mais próximo do *fundo 2*, visto que aponta para a causa ou o motivo pelo qual a sua interlocutora pode colocar a dentadura em sua mãe, ou seja, “*porque le cuesta poco*”.

Ao examinarmos o comportamento dessas formas no relevo discursivo das entrevistas, observamos certa consonância com os achados da investigação em Pontes *et al.* (2023). Ao analisarem as formas *tú*, *vos* e *usted*, em peças teatrais nas variedades do espanhol uruguaio e argentino, associadas à noção de *figura*, *fundo 1* e *fundo 2*, os autores

esperavam que as formas *tú* e *vos* fossem favorecidas nos dois primeiros tipos de planos. Por outro lado, *usted* seria predominante no plano *fundo 2*. Os dados da pesquisa confirmaram a hipótese inicial para a amostra referente à Argentina, no entanto, houve ocorrência da forma *usted* em contextos tidos como menos marcados: *figura* e *fundo 1* na amostra uruguaia.

Tendo em vista que os planos discursivos dizem respeito ao modo como os falantes organizam o discurso em diferentes camadas, sua associação com o princípio de marcação é imprescindível, pois este, como motivação cognitivo-comunicativa subjacente ao uso da língua, diferencia elementos marcados de não-marcados. Nesse sentido, há a tendência de que unidades linguísticas menos marcadas ocorram em contextos também menos marcados e vice-versa. Seguindo esse entendimento, os planos *figura* e *fundo 1* são tidos como contextos menos marcados devido à facilidade com que as informações fluem nesses contextos específicos. Em outros termos, nesses planos, a narrativa é compreendida de maneira mais eficiente e mais rápida em comparação com o *fundo 2*, que se apresenta como um contexto mais marcado. Considerando esses aspectos, nossas expectativas também se alinharam às dos autores supra.

Na análise qualitativa dos dados, a observação do comportamento das formas *tú* e *usted* nos permitiu compreender como essas formas são destacadas, influenciando a organização do discurso e revelando padrões distintos a partir da identificação dos elementos marcados e não-marcados nos diferentes contextos.

Com efeito, a forma inovadora *tú*, elemento menos marcado, prevaleceu nos contextos também menos marcado de *figura* e *fundo 1*, embora não tenha sido possível verificar ocorrências desse tipo no plano *fundo 2*. Acreditamos que o número reduzido de entrevistas analisadas, bem como a consideração apenas da porção do texto relativa às sequências narrativas, possa ter contribuído para esse aspecto.

Ademais, houve registro da forma mais marcada *usted* não apenas no contexto mais marcado, mas também nos planos *figura* e *fundo 1*. Conforme previsto por Dubois e Votre (2012), ocasionalmente, formas linguísticas marcadas podem ocorrer em contextos menos marcados. Ocorrências desse tipo podem configurar-se como estratégias para garantir uma comunicação mais eficaz e clara e, dessa forma, estabelecer um equilíbrio cognitivo contextual que visa à compreensão mútua entre os interlocutores da situação comunicativa.

A partir das análises empreendidas, observamos que a consideração dos planos discursivos (*figura*, *fundo 1* e *fundo 2*) revela-se fundamental para uma compreensão mais abrangente de como as formas de tratamento se encaixam nos contextos comunicativos. Além disso, o acionamento do princípio funcionalista de marcação, dentro dessa perspectiva, reflete o modo como as formas *tú* ou *usted* são mobilizadas para transmitir significados específicos e garantir a eficácia da comunicação.

Considerações finais

Ao analisar as formas *tú* e *usted* no nível textual-discursivo, optamos por uma abordagem qualitativa, explorando seu comportamento nos planos discursivos de *figura*, *fundo 1* e *fundo 2* a partir de seis entrevistas do quantitativo selecionado. Notamos que a forma *tú* prevaleceu nos contextos menos marcados, enquanto *usted* foi observado em contextos mais marcados e também nos menos marcados. A associação dessas formas com os planos discursivos revela padrões distintos, destacando como elas influenciam a organização do discurso e se adaptam a diferentes contextos comunicativos. Essas observações corroboram a importância do princípio de marcação funcionalista na compreensão do uso dessas formas de tratamento.

Esses conceitos tentam dar conta de uma questão pragmático-discursiva elementar, a saber: o usuário, em uma dada situação comunicativa, sempre apresenta uma percepção das necessidades do seu interlocutor, e qual seja esta situação de interação verbal, sempre há, de tudo o que se diz, coisas mais relevantes que outras.

Os resultados demonstraram claramente que os falantes fazem um uso criativo da linguagem, e que as escolhas não dependem somente da aplicação estrita de categorias fixas. É necessário levar em consideração fatores e elementos textuais, linguísticos, pragmáticos e cognitivos presentes no contexto em que o discurso ocorre.

Referências

- ÁLVAREZ MURO, A.; CARRERA DE LA RED, M. El usted de solidaridad en el habla de Mérida. In: SCHRADER-KNIFFKI, M. (ed.). **La cortesía en el mundo hispano: nuevos contextos, nuevos enfoques metodológicos**. v. 15. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2006. p. 117-130.
- BUZÓN GARCÍA, J. M. **La expresión de la futuridad en el español de Valencia**. 2013. 890 f. Tese (Doutorado em Estudos Hispânicos Avançados) - Facultat de Filologia, Traducció i Comunicació, Universitat de València, Valência, 2013.
- CALDERÓN CAMPOS, M.; MEDINA MORALES, F. Historia y situación actual de los pronombres de tratamiento en el español peninsular. In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (org.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 195-222.
- CHEDIER, C. M. **Perfil de figura/fundo em crianças com e sem queixas escolares**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- CUNHA, M. A. F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 157-192.
- CUNHA, M. A. F.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. **Linguística Funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

DUBOIS, S.; VOTRE, S. J. Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo linguístico. *In*: VOTRE, S. J. (org.). **A construção da gramática**. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 49-71.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. v.1. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GÓMEZ MOLINA, J. R. **El español hablado de Valencia**: Materiales para su estudio I. Nivel sociocultural alto. València: Universitat de València, 2001.

GÓMEZ MOLINA, J. R. **El español hablado de Valencia**: Materiales para su estudio II. Nivel sociocultural medio. València: Universitat de València, 2005.

GÓMEZ MOLINA, J. R. **El español hablado de Valencia**: Materiales para su estudio III. Nivel sociocultural bajo. València: Universitat de València, 2007.

HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. *In*: GIVÓN, Thomas (org.). **On understanding grammar**. Nova Iorque: Academic Press, 1979.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, v. 56. Baltimore, 1980.

LIMA, J. V. M.; COAN, M.; PONTES, V. O. Variação entre as formas de tratamento no espanhol oral de Valência. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 41, e47584, p. 1-11, 2019.

NEVES, M. H. M. **Gramática funcional**: interação, discurso e texto. São Paulo: Contexto, 2018.

PONTES, V. O.; SILVA, R. F. Marcação / não marcação das formas de tratamento *tú*, *vos* e *usted* via planos discursivos. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 17, p. 1-24, 2023.

SILVEIRA, E. **O aluno entende o que se diz na escola**. Rio de Janeiro: Ed. Dunya, 1997.

Sobre os autores

Valdecy de Oliveira Pontes

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8183-9259>

Pós-doutorado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), licenciatura em Letras – Português-Espanhol pela UFC. Professor do Curso de Letras-Espanhol e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC. Um dos líderes do grupo de pesquisa Línguas e Histórias (CNPq).

José Victor Melo de Lima

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9831-6705>

Doutor e mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), graduado em Letras - Língua Portuguesa e Língua Espanhola e Respectivas Literaturas pela mesma instituição, especialista em Ensino de Língua Espanhola pela Universidade Estácio de Sá. Professor de Língua Espanhola no Instituto Federal do Ceará - Campus de Canindé. Membro do grupo de pesquisa Línguas e Histórias (CNPq).

Recebido em março de 2024.

Aprovado em agosto de 2024.